

MUSEU DA CASAR- CASA DA CULTURA POPULAR UMA VIAGEM A ORALIDADE ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL

MODALIDADE: PÔSTERES

RESUMO

Após trabalhar a oralidade em todo território litoral Sul e visitar 50 cidades e a Capital e participar através da “Rede de Museus” da 4ª Primavera de Museus, vivenciei que os museus são espaços de educação não formal que oferecem meios para aprendizagens, reflexão e interação social, de março a setembro de 2009, no Ponto de Memória Casarão João de Gois na cidade de Ilhéus, fizemos um projeto que tinha como público alvo alunos dos ensinos fundamental e médio, das redes públicas a fim de inseri-los no universo *museal*, **objetivando** estimular a interação e a criatividade, bem como fazê-los compreender a história de uma maneira lúdica e divertida. Tal projeto denominava-se “A cara do povo”, onde o **objeto** foram as **Coleções de Literatura de Cordel** e as Xilogravuras para fomentar o processo de ensino-aprendizagem. E foi na 13ª Semana de Museus, que aconteceu de 18 a 24 de maio de 2015 com o tema “Museus para uma sociedade sustentável” participação recorde de visitantes com a Exposição “Artes Brasil”. Os resultados foram bem relevantes, porque os alunos entraram em contato com a história, literatura e musicalidade, a partir das rimas do cordel e das Exposições. O Museu, atuando como ferramenta pedagógica para professores alunos e sociedade, visando à intenção comprometida de profissionais tanto da área artística, escolar quanto museológica em maximizar a compreensão de arte, cultura, patrimônio e memória.

Palavras chaves: **Museu-social, Literatura de Cordel, Arte-Educação e Cultura Popular.**

INTRODUÇÃO

Após 700 livros de cordéis e Xilogravuras já editados e o título de Mestre da Cultura Popular fui contratada para fazer uma xilogravura de outro museu e nos deparamos com a necessidade de expandir para o mundo o trabalho realizado e como educadora senti a necessidade de despertar no educando o gosto e o prazer da construção do conhecimento, considerando as particularidades (virtudes, defeitos e dificuldades). Encontrei professores que se disponibilizaram a encontrar metodologias do ensino suave e prazeroso. Diante desse contexto o Projeto se propôs a trabalhar numa perspectiva dialógica, em que os educandos e o público em geral, do Museu, assim como eu tivessem espaço para construir conhecimento. No cotidiano dos museus é primordial que apareçam as dúvidas, os questionamentos, os problemas que se cruzam com os sonhos, com a pluralidade, com a atualização, caminhando-se assim, para a aprendizagem. Entendemos, portanto, que é de fundamental importância o rompimento com o modelo tradicional nos espaços museológicos, afinal de contas o público não é uma *folha em branco*, nem é um sujeito a-histórico, como pregava o empirismo, e conseqüentemente o behaviorismo. Ao contrário, o público dos museus é síntese de múltiplas determinações e traz uma bagagem muito rica de experiências. Esta mudança de percebê-lo na condição de ser histórico, social, ativo, cidadão de direitos e deveres pode orientar os educadores e/ou mediadores dos museus a uma perspectiva de prática pedagógica dialógica, plural e prazerosa. A literatura de Cordel, linguagem essa que se apresenta com musicalidade, história e literatura proporciona pluralidade. Outra questão pertinente fica por conta de se dar continuidade ao processo de resgate da Literatura de Cordel **enfraquecido** no Nordeste brasileiro nas últimas décadas, sobretudo devido ao uso de novas tecnologias pela população, tirando um papel importante do Cordel que era de informar e de entreter. Assim, levar o Cordel para o universo das mediações nos museus, além de reafirmar a Literatura de Cordel como identidade não somente do povo nordestino, mas do povo brasileiro que se mostrou com a finalidade de auxiliar o sujeito a organizar suas idéias, analisar, justificar suas respostas e expressar seu pensamento, promovendo a independência, a autonomia e a cooperação no mesmo, nas variedades de temas,

situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados e relatos históricos, imaginários. Tivemos experiências fantásticas tanto com os visitantes como com as crianças visitantes da periferia que na oficina de xilogravura reproduziu a sua realidade fazendo o que intitulamos um “majestoso urubu”. Essa riqueza de abordagens assume tons diferenciados, visões de mundos às vezes conflitantes, ideologias diversas. Percebemos que o folheto de Cordel se apresenta como um instrumento atrativo para ser usado tanto em sala de aula, como em ambientes de aprendizagens não-formais, como os museus. Portanto, para que seja de fato considerada a questão do pluralismo e da dialogicidade no universo escolar e museal, é necessária uma mudança em seu sistema por completo. O alunado brasileiro está saturado do conhecimento do tipo “fala que eu te escuto”, dos monólogos em sala de aula e nos museus. Procuramos fugir das tradicionais interpretações de textos, bem como das recorrentes maneiras enfadonhas de se desenvolver as visitas nos museus. Neste sentido, percebemos que os folhetos de cordéis se apresentam como atividades mais dinâmicas e envolventes que possibilitam uma convivência com as obras. A diversidade do cordel pode ser aproveitada para instigar debates, discussões e promover a interação.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO Metodologicamente, o projeto propunha unir entretenimento e aprendizagem, maximizado por um processo agradável e divertido. Sendo a exposição permanente do Museu dividida em três: Os Clássicos os Autorais e diversos autores (do século XVII ao XX), os alunos tinham a oportunidade de viajar dentro de quatrocentos anos, pela História, resgatando a memória local bem como a individual. Entrementes, tal viagem não se fazia apenas através da visita monitorada, mais também alicerçada pela literatura de Cordel. A história local era contada tanto pelo acervo das exposições de Xilogravuras, e do casarão, lido e interpretado durante a visitação. A encenação teatral, com figurino específico para cada ambiente do museu, era mais um elemento artístico unido ao Cordel, que facilitava a compreensão da história contada pelo acervo e as vivências das Oficinas. Enquanto um monitor explicava a exposição, outro declamava o Cordel com interpretações que divertiam e aguçavam a imaginação dos estudantes. Neste sentido, atividades lúdicas, através do projeto em Cordel unem-se ao próprio Museu, ou seja, ao próprio acervo, como se um completasse o outro, ou melhor, como se o cordel fosse uma extensão da exposição e vice-versa uma grande viagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode até parecer utopia, mas se toda essa discussão aqui exposta sair do campo filosófico e for executada na prática cotidiana dos museus e da sala de aula, haverá um impulso à realidade, em que a exclusão das diferenças, a competitividade e a discriminação possam ser exterminadas, a partir da prática de um ensino, produtivo, positivo e mais agradável “**para todos**”. A execução do projeto foi uma experiência altamente produtiva e satisfatória, tivemos a oportunidade de fazer importantes trocas cognitivas e também de leituras que aumentaram consideravelmente o nosso grau de produção de conhecimento. Evidenciaram-se os “Saberes e fazeres” saindo da teoria enclausurada no meio acadêmico para a prática expandida ao externo, onde o processo de ensino-aprendizagem se faz, ou deveria se fazer, inerente às singularidades de cada sujeito em uma viagem museológica. Portanto, convido a todos a verem as fantásticas Coleções de Literatura de Cordel & Xilogravuras, para todos: **CLÁSSICOS, AUTORAIS E RAROS**. Boa viagem!

Referências

O sistema brasileiro de museus.- Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2004. 98p. – (Serie ação parlamentar; n. 290).
Recomendação sobre os meios Mais Efetivos de Tornar os Museus Acessíveis a Todos (UNESCO, 1960).